

# Retrospectiva mostra o crescimento do Sindieletro e aponta desafios

Foto: Benedito Maia

Atual coordenador-geral do Sindieletro, Marcelo Correia, irá enfrentar novos desafios a partir de junho. Antes de dar posse à nova diretoria, ele faz um balanço político do sindicato nos últimos seis anos, avalia as vitórias da categoria, a relação com a Cemig e os desafios da nova gestão. “Nosso orgulho é ver trabalhadores que entraram na Cemig há pouco tempo enxergando no sindicato o espaço de recriar um mundo diferente. Essa é a verdadeira vitória. Isso eles não tiram da gente”.

**Chave Geral**— Quais as maiores conquistas nesse período?

**Marcelo Correia**— No final dos anos 90, o desafio era evitar a privatização e a ameaça de demissão em massa. Esse era o centro da nossa ação. A pergunta entre os eletricitários era: “quantos anos ainda teremos a Cemig?” A PEC 50 impediu a venda, uma vitória não só do movimento sindical, mas da capacidade de intervenção política da sociedade. Outra vitória se deu em 2004. A desverticalização da Cemig ameaçava dividir a categoria e preparar a empresa de novo para a privatização. O resultado foi a criação da holding, mantendo a união dos eletricitários e dez mil postos de trabalho.

**CG**— E nas negociações trabalhistas, o que merece ser comemorado?

**Marcelo Correia**— Tivemos reajustes e aumento real nos salários em todos os anos. Temos abonos cada vez maiores através das PRs especiais e PR. Fizemos um Acordo para o Plano de Saúde, congelado há mais de 10 anos, com garantias também para os aposentados, uma conquista para toda a vida do trabalhador. O PCR, inicialmente ameaçador, levou à equiparações salariais justas, que não resolveram todos os problemas mas permitiram a assinatura de um Acor-

do, uma coisa rara em outras categorias, que nos permite cobrar na Justiça. Do ponto de vista do reconhecimento, ganhamos muito, como a manutenção do quadro próprio, o auxílio-educação e a seleção interna. Mesmo que não tenhamos ganhado sempre, foi um período de grandes vitórias, apesar de problemas a serem resolvidos.

**CG**— Quais destes problemas devem ser solucionados?

**Marcelo Correia**— A Cemig quer acabar com o amênio e não vai conseguir; por causa da organização da categoria. Agora os trabalhadores vêem quanto vale esta conquista mantida no último ACT. Em relação à terceirização, realizamos um trabalho de conscientização dentro e fora da Cemig, que ainda não deu frutos, mas certamente dará, assim como em relação ao excesso de hora-extra e jornada de trabalho. Várias discussões ainda não foram ganhas, mas o movimento é isso, brigar; ganhar com a razão e conquistar.

**CG**— Qual o papel da organização dos trabalhadores para o futuro da Cemig?

**Marcelo Correia**— A empresa está voltada para o capital e privilegia acionistas. Discutimos com a categoria a sangria de recursos que ameaça o futuro da Cemig. Não há “sindicato cida-

dão” sem o “eletricitário cidadão”. Defender que a empresa pública mais importante de Minas gere lucro e capacite o Estado para se desenvolver é fundamental. As tarifas de energia sufocam a sociedade, principalmente a população mais pobre. Estamos gerando um bem de primeira necessidade e devemos ter a consciência de que trabalhamos numa empresa que gera um lucro absurdo, mas que mantém tarifas altíssimas.

**CG**— Como você avalia a atual gestão da Cemig?

**Marcelo Correia**— Nosso mundo do trabalho é reflexo do que ocorre no país. A direção da empresa bombardeia com seus valores e é comum escutar o trabalhador dizer que tem saudade da Cemig antiga. Sabemos que a empresa não tem que voltar ao que era e deve andar para frente. Mas é preciso refletir sobre este modelo que suga o trabalhador; que hoje sequer reconhece o seu lugar no trabalho, em meio à impessoalização da tecnologia. A Cemig quer cada um cuidando do seu e sem perspectiva de cidadania. Assim, o trabalhador deixa de ser cidadão para virar peça, sem questionar nada.

**CG**— Houve retrocesso na relação trabalhista?

**Marcelo Correia**— A Cemig sempre diz que deseja uma boa relação, desde que o sindicato aceite as suas condições. Nós do Sindieletro não estamos aqui para isso. Pelo contrário, estamos aqui para garantir os direitos e conquistar as mudanças que a sociedade precisa. Hoje há uma linha dura na Cemig que escolheu o caminho de quebrar a espinha do sindicato, nos proibindo de conversar com o traba-



Marcelo Correia, coordenador num período de grandes mudanças

lhador e tentando aliená-lo, o que só piora a situação.

**CG**— Como mudar esta relação de forças?

**Marcelo Correia**— A empresa tenta dizer que existe o sindicato, a Cemig e os trabalhadores, mas ninguém pode esquecer que o Sindieletro é feito de eletricitários. Não temos o poder de mídia e nem administrativo da Cemig, mas temos como mostrar razão e conhecimento e podemos unir os trabalhadores. Este é o maior medo da empresa: somos a força do trabalho e, principalmente, a força social.

**CG**— Quais os debates deverão estar na agenda de lutas dos eletricitários?

**Marcelo Correia**— Temos que fortalecer a nossa organização e através da Reforma Sindical, entrando efetivamente para o sindicato. O primeiro passo para acabar com as nossas conquistas é minar nossa capacidade de mobilizar e organizar. Muito mais importante do que ganhar salário é reforçar a nossa capacidade de luta. A sociedade não respeita os fracos e nem nós queremos ser os coitadinhos. Sindicato é uma máquina de guerra que exige profissionalismo, sem prepotência, mas fazendo a diferença na luta. Temos

que cuidar da juventude, passando para os novos colegas nossa experiência, preparando para seguir a luta. Mais do que dar lugar; temos que apontar a direção, como fizeram com a gente.

**CG**— Quais outros debates devem ser feitos?

**Marcelo Correia**— Na política nacional, tentam caracterizar o debate moral e ético ou das promessas que não foram cumpridas. Mas o eletricitário tem motivos de sobra para enxergar mudanças fundamentais colocadas para o país. Temos que comemorar o aumento do salário mínimo e a redução do desemprego, do acesso dos pobres às universidades, o Bolsa-Família.

**CG**— Você deixa a coordenação com a missão cumprida?

**Marcelo Correia**— De jeito nenhum. O melhor de uma gestão é a nova direção que começa. O que nós fizemos foi bom, mas melhor ainda é a gestão que se inicia, com trabalhadores novos e sangue novo. Nosso orgulho é ver que trabalhadores que entraram na Cemig há pouco tempo estão enxergando no sindicato o espaço de recriar um mundo diferente. Essa é a verdadeira vitória. O resto podem nos arrancar, mas isso eles não tiram da gente.

# Justiça garante pagamento do tempo de deslocamento dos trabalhadores da Usina de São Simão

Foto: Regional Triângulo

Cerca de 50 trabalhadores da Usina de São Simão, no Triângulo Mineiro, ganharam na Justiça o direito de receber pelo tempo de deslocamento de suas casas até o local de trabalho. A decisão foi proferida na última terça-feira (16) pelo juiz Manoel Barbosa da Silva, da 7ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), em Belo Horizonte. A Cemig ainda pode entrar com recurso, para reverter a sentença.

Como a usina está numa área rural de difícil acesso, os trabalhadores demoram mais que o normal para chegar ao local de trabalho. Além disso, têm que ir em casa todos os dias para almoçar porque nas imediações não há restaurante.

Ao final do dia, cerca de uma hora é desperdiçada com idas e voltas. A irregularidade foi constatada por técnicos do TRT, que fizeram uma perícia para medir o tempo de deslocamento gasto pelos trabalhadores.

A reivindicação é antiga e, por isso, o Sindieletro ajuizou ação em janeiro de 2005, na tentativa de garantir a remuneração do tempo de deslocamento, que é assegurada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Contudo, na época, a Vara do Trabalho de Ituiutaba deu ganho de causa a Cemig, o que levou o processo para julgamento em 2ª Instância.

“Com esta decisão, não iremos mais trabalhar de graça para a empresa. Isso foi mais

uma conquista dos trabalhadores”, afirma Pedro Allan Kardek Luiz, técnico em manutenção da usina.

“No momento em que o trabalhador entra no ônibus da empresa, ele já está a serviço da companhia. Com certeza, o tempo de deslocamento deve fazer parte do expediente normal”, defende Salim Gomes Araújo, diretor da Regional Triângulo. Ele também afirma que a postura da Cemig de não reconhecer direitos da categoria tem sido contestada cada vez mais pela Justiça. “Que clima bom de trabalho é esse que a empresa tanto fala, se sempre precisamos entrar na Justiça para garantir direitos básicos dos trabalhadores?”, questiona o diretor.



Trabalhadores de São Simão: direito de receber pelo deslocamento

## Comitê discute criação de Plano Odontológico

Foto: Benedito Maia

Integrantes do comitê do Prosaúde se reuniram, na última quinta-feira, na sede do Sindieletro, para discutir os detalhes técnicos do processo de escolha da empresa que irá gerir o Plano Odontológico dos trabalhadores da Cemig. Para isso, foi criada uma comissão para o debate da questão.

Ela é formada por Marcos Lares Peixoto, representante dos trabalhadores ativos, João Isidoro, da Associação dos Eletricistas Aposentados (AEA), além de contar com a participação de representantes da Forluz e Cemig.

No total, 21 empresas foram convidadas a participar da concorrência, que avaliou critérios objetivos como o tamanho da rede credenciada, tabelas de honorários e lista de procedimentos cobertos. Ao final destas avali-



Reunião no Sindieletro com a Comissão do Plano Odontológico

ações, cinco operadoras habilitaram-se a continuar no processo. Conforme o Acordo Coletivo de Trabalho 2005/2006, a Cemig tem até setembro deste ano para implantar o plano.

“As discussões técnicas estão sendo conduzidas com o acompanhamento de nossos

representantes no comitê do Prosaúde. O próximo passo será envolver a categoria nas decisões sobre o custeio do plano e outros assuntos de interesse dos participantes da Forluz”, comenta Marcelo Borges, diretor de Comunicação e Formação do Sindieletro.

## FALA TRABALHADOR

Quais são as expectativas em relação ao plano odontológico?

Fotos: Benedito Maia



Nós apenas percebemos a necessidade de um plano odontológico quando precisamos



O atual limite para custeio do atendimento odontológico é muito baixo. Por causa disso, nós temos

de tratamento. Por isso mesmo, o atendimento dentário preventivo é um ponto que deve constar do plano. Os trabalhadores merecem um bom convênio. Atualmente, o teto é muito baixo. Com certeza, a Cemig tem condições para melhorar este tipo de atendimento, já que os trabalhadores são os maiores responsáveis pelo crescimento da companhia. Afinal de contas, os lucros da empresa têm crescido ano a ano. Mas para que o plano seja melhorado, teremos que ter muita mobilização e força. Através da luta, as mudanças começam a aparecer. Caso contrário, nada vai mudar e nós iremos continuar pagando caro para cuidar dos dentes.

**Sebastião Vitor da Silva**  
Eletricista de linhas e redes  
DC/SE – São Gabriel

que arcar com despesas que estão fora de nossas possibilidades. Deveria haver um teto apenas para esta parte de tratamento dentário, assim como acontece em outras empresas como a Fiat, por exemplo. Minha família precisa muito deste tipo de atendimento, e a despesa acaba ficando muito grande para mim. Isso também faz com que o reembolso para a compra de remédios fique reduzido. Para quem tem família, tudo isso fica muito difícil. A Cemig deveria criar um plano odontológico com um teto específico, preços mais competitivos e uma rede maior de dentistas credenciados. Como eu moro em Sabará, tenho dificuldade em conseguir atendimento por lá. A atual rede de profissionais é deficiente.

**Wellington de Lima Ribeiro**  
Eletricista de linhas e redes  
DC/SE – São Gabriel

# Empreiteira atrasa salários há cinco meses com conhecimento da Cemig

A Cemig continua fazendo vista grossa quando o assunto é desrespeito aos direitos dos trabalhadores de empreiteiras, mesmo quando comprovado pelo Sindieletro e denunciado à Delegacia Regional do Trabalho. Desta vez, a falta de rigor na fiscalização da Cemig para verificar se os contratos de terceirização estão sendo cumpridos envolve a empreiteira Convip Serviços Gerais Ltda, contratada para atuar em várias unidades da empresa.

No Vale do Aço, a empreiteira vem atrasando sistematicamente os salários e o repasse do vale transporte a seus trabalhadores, além de não depositar o FGTS. Revoltados com o desrespeito a seus direitos, quatro dos nove funcionários da Convip em Ipatinga paralisaram as atividades no último dia 15. Um auxiliar de serviços gerais, que recebe salário de

R\$351,00, revelou que os atrasos ocorrem desde janeiro. “Já recebemos pouco e com o problema fui obrigado a pegar dinheiro emprestado para pagar algumas contas. Outras contas, como o aluguel, luz e água estou pagando com atraso e juros”, desabafou.

Outro trabalhador disse que está com um filho doente e não tem dinheiro para comprar remédios. “O jeito foi enfrentar fila do posto de saúde, mesmo assim, não encontrei todos os remédios necessários”, disse. Os trabalhadores também constataram através do Cartão Cidadão que o FGTS não é depositado há cinco meses.

Desde que as irregularidades foram confirmadas, a Regional Vale do Aço tentou uma solução na gerência da DL/IP e Sub-Delegacia Regional do Trabalho do Vale do Aço. Apesar de ter comprovado a situação des-



Trabalhadores da Convip sofrem com o pouco rigor da Cemig

de o princípio, a gerência só solicitou a abertura de processo administrativo contra a empreiteira em meados de março, mesmo assim, após muita insistência do coordenador da Regional, Wolmar Ferreira de Paula.

Foto: Regional Vale do Aço

abrir o processo”, detalhou.

Para Wolmar, a decisão já deveria ter sido tomada há muito tempo, visto que as irregularidades já duram cinco meses. “Nossas denúncias são sistemáticas, mas o problema sempre é agravado pela omissão da gerência da Cemig na região. A advertência deveria ter sido dada quando foi feita a primeira denúncia e, assim, o andamento do processo administrativo seria agilizado, amenizando desta forma o prejuízo dos trabalhadores”, criticou.

Na sede da Convip em Belo Horizonte, o assistente operacional Marlúcio Lemos, confirmou o atraso de salários e do vale transporte. Em relação ao atraso dos depósitos do FGTS, ele disse não saber, porque está na empresa “há um mês e meio”. De acordo com Marlúcio, a empreiteira pagou os salários e repassou o vale transporte no último dia 18.

Contudo, não foi o que aconteceu. Na tarde do último dia 22, data de fechamento desta edição, nem o salário e nem o vale-transporte haviam sido repassados aos trabalhadores. Na DL/IP, muita frustração e desespero dos empregados por não ter dinheiro para pagar as contas.

## Menor preço

De acordo com Wolmar, a Cemig faz a contratação das empreiteiras pelo menor preço, ao invés de levar em consideração a capacidade da contratada de honrar os seus compromissos e prestar serviços de qualidade. “Os prejuízos sempre recaem nos trabalhadores. Esses tipos de contratação geralmente geram passivo trabalhista, que por consequência acabam sendo pagos pela Cemig na Justiça, como aconteceu recentemente na região com a empreiteira WR, que prestava serviços de portaria e ‘deu o cano’ nos seus trabalhadores”, observou.

O gerente de Relacionamento Comercial e Serviços de Ipatinga (DL/IP), Danilo Gusmão Araújo confirmou as irregularidades cometidas pela Convip e justificou que a demora da empresa em tomar uma atitude rigorosa para a solução do problema se deve às exigências legais. “A empreiteira atua há cinco anos para a Cemig no Vale do Aço, agora é que surgiram as irregularidades. Pela lei de licitação 8.666, temos que seguir alguns passos para abrir o processo administrativo e até mesmo suspender o contrato de serviços se as irregularidades persistirem. O primeiro passo é advertir a empreiteira e depois

## Eleições Forluz

### Mesmo com prazo prorrogado, participante deve se apressar no envio do seu voto

Para garantir maior participação nas eleições que irão escolher o diretor de Relações com os Participantes e os representantes dos participantes nos Conselhos Deliberativo e Fiscal da Forluz, os candidatos das chapas concorrentes decidiram prorrogar o prazo de votação até às 17h do dia 9 de junho.

Com a mudança, outras datas do calendário eleitoral também foram alteradas, conforme divulgou a presidência do Conselho Deliberativo da Fundação, no último dia 16 (veja quadro).

Mesmo com a prorrogação, o Sindieletro reitera ser de fundamental importância o envio dos votos o mais rápido possível. Desta forma, os participantes vão garantir, com a va-

lidação da eleição dentro do prazo estabelecido e, desta forma, a continuidade do direito de ter uma representação na Forluz para defender seus interesses.

Desde a semana passada, os participantes ativos e aposentados estão recebendo, via malote e via Correios, o material das eleições. As direções do

Sindieletro, Senge e AEA apóiam a Chapa I para a DRP e Chapa I para os Conselhos Deliberativo e Fiscal, porque os candidatos assumiram um projeto coletivo para a defesa dos direitos dos participantes e reúnem experiência, profissionalismo e competência em questões de previdência complementar.

#### O NOVO CALENDÁRIO ELEITORAL

Recepção dos votos.....	até 17h do dia 09/06
Apuração.....	de 12/06 a 16/06
Resultado.....	19/06
Recursos de candidatos.....	20/06 a 21/06
Análise de recursos (Comissão Eleitoral).....	22/06
Recursos para Conselho Deliberativo.....	23/06 e 26/06
Decisão do Conselho Deliberativo.....	até 28/06

#### A quem interessa?

O diretor do Sindieletro, Carlos Alberto de Almeida, questionou a atitude de pouco rigor da Cemig para punir a empreiteira. “Se realmente quisesse resolver a situação, a empresa, como co-responsável pelas irregularidades, suspenderia o pagamento à empreiteira e pagaria os direitos dos trabalhadores terceirizados. A quem interessa tal situação?” Ainda segundo ele, “esta situação é um dos vários prejuízos gerados pela política predatória de terceirização do governo Aécio Neves e da diretora Helleni Fonseca”.



# A Guerrilha Carcerária

Por Frei Betto  
na revista Fórum

**D**e quatro anos na prisão, a ditadura obrigou-me a viver dois entre prisioneiros comuns. Trinta e cinco anos depois, o sistema prisional só não continua o mesmo porque piorou. A questão não merece prioridade do governo e o extorsivo pagamento dos juros da dívida pública mingua os recursos de que dispõe a União. Investe-se apenas na construção de novos presídios.

A guerrilha carcerária, desencadeada no fim de semana de 13 e 14 de maio, expõe a precariedade do sistema prisional brasileiro. Se grades e muros seguram fisicamente os presos, os avanços eletrônicos e a negligência das autoridades permitem que, de dentro para fora, comandem ações criminosas. Celulares ingressam no bojo da corrupção favorecida por baixos salários pagos a policiais e carcereiros desqualificados.

Outros fazem vista grossa sob ameaças a seus familiares, alvos de comparsas dos detentos. As facções criminosas, ou-

trora restritas ao interior das prisões, hoje possuem ramificações na rua e são comandadas para o que antes parecia inverossímil: o crime organizado ataca a polícia!

São Paulo viveu o seu fim de semana de Iraque, com a polícia acuada por táticas de guerrilha: ataques de surpresa, escaramuças etc. E as reações das autoridades não fogem dos velhos jargões: imitar os EUA na construção de presídios (supostamente) indepassíveis; legalizar a pena de morte; aumentar o efetivo policial militar. Nada que enfoque as causas da criminalidade e a ineficiência de nosso sistema prisional.

Entre Rio e São Paulo há cerca de 2,3 milhões de jovens, entre 14 e 24 anos, que não terminaram o ensino fundamental. Nesse contingente encontram-se 80% dos assassinos e dos assassinados. Em suma, não se reduzirá a criminalidade sem educação de qualidade, com a criança na escola 8 horas por dia, e combate ao de-

semprego. A violência não decorre da miséria, e sim da falta de educação. E de uma cultura belicista, como a dos EUA, o país mais violento do mundo, apesar de mais rico. Seus cárceres guardam mais de 2 milhões de pessoas.

Nosso regime penitenciário não difere muito do adotado no tempo da escravatura. Amontoam-se presos em masmorras exíguas; misturam-se autores de delitos distintos; condenam-se todos à mais explosiva ociosidade. Não há cursos profissionalizantes, nem redução da pena de acordo com a progressão escolar. Nem há atividades culturais, como teatro, pintura e música, ou equipamentos e espaços adequados à prática de esportes.

Queijo suíço, nossas prisões estão repletas de buracos por onde entram dinheiro e armas, celulares e drogas. O detento é guardado, não reeducado; punido, não recuperado. E

o alto preço da penitência donde penitenciária jamais é a absolvição, e sim a exclusão social. O preso cumpre a pena sem que o sistema o prepare à reinserção social, e sem que a sociedade se disponha a acolhê-lo. Daí o alto índice de reincidência.

A causa maior da criminalidade é a desigualdade social, que vem sendo reduzida no Brasil desde 2001. A violência intrínseca às estruturas sociais, como a fundiária, substancialmente arcaica, provoca nos excluídos a reação de revolta. Busca-se a ferro e fogo o “lugar ao sol” tão enfatizado, indiscriminadamente, pela propaganda televisiva. Ela socializa o direito de todos à felicidade abastada, atrelada aos bens de consumo.

Não há por que esperar de um jovem empobrecido atitude abnegada frente à sua carência e sofrimento. A droga é o recurso mais à mão para evadir-se dessa realidade, seja pelo “encantamento” que proporciona, seja pelo dinheiro fácil que atrai. E por que obedecer às leis

se políticos corruptos e criminosos de colarinho branco permanecem em liberdade? Se a morte é certa e a vida carece de sentido, por que temer a lei do talião? O grave é quando a sociedade e a polícia decidem adotá-la, como se a eliminação de bandidos significasse a erradicação do crime.

É preciso desalgemar os recursos públicos aprisionados pelo excessivo ajuste fiscal e multiplicar o investimento em educação e na reforma prisional. Caso contrário, em breve a própria polícia estará impregnada deste pavor que acomete a população de nossas grandes cidades: o medo de sair às ruas.

<sup>1</sup> Escritor, frade dominicano e assessor de movimentos sociais.

<sup>2</sup> Fonte: [www.revistaforum.com](http://www.revistaforum.com)

<sup>3</sup> Foto: Vidraça de um banco em SP atingida por tiros. Crédito: Maurício Morais/SEENSP

